

## Agonística expressa em circulação: o Papa Francisco como articulador de sentidos

Agonistics expressed in circulation: Pope Francis as Articulator of Senses

**Tatiane Milani**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).  
Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, São Leopoldo (RS). tatmilani10@gmail.com

**Ana Paula da Rosa**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).  
Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, São Leopoldo (RS). anarosa208@yahoo.com.br

---

**Resumo.** Este trabalho é um recorte a partir do objeto empírico da pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, inscrito na linha de pesquisa de Midiatização e Processos Sociais, que tem como objetivo geral de perceber as particularidades e lógicas em que ocorrem os embates interacionais, e como o Papa Francisco articula a disputa de sentidos do debate, tendo que responder a todos os públicos. Para esse artigo, nos detemos a fazer um estudo de caso que se constitui em dois episódios, sendo a primeira coletiva de imprensa concedida pelo pontífice no voo de retorno do Brasil em julho de 2013, e o casamento realizado no voo de retorno do Chile em janeiro de 2018. A partir do cenário da midiatização, nos propomos a investigar como esse espaço em voo incide sobre operações de construção da imagem do Papa Francisco.

**Palavras-chave:** Papa Francisco. Imagem. Circulação midiática. Dispositivo interacional. Agonística.

**Abstract.** This work is a cut from the empirical object of the master's research in the Post-Graduation Program in Communication Sciences of Unisinos, enrolled in the line of research of Mediatization and Social Processes, whose general objective is to perceive the particularities and logics in which interactions occur, and as Pope Francisco articulates the dispute of meanings of the debate, having to respond to all the publics. For this article, we set out to make a case study that consists of two episodes, the first press conference granted by the pontiff on the return flight of Brazil in June 2013, and the marriage on the return flight from Chile in January 2018. From the scenario of mediatization, we propose to investigate how this space in flight focuses on operations of construction of the image of Pope Francis.

**Keywords:** Pope Francis. Image. Mediatic circulation. Interactive device. Agonistics.

---

### Introdução

Quando adentramos em pesquisas sob perspectivas comunicacionais estamos imersos em um cenário de complexificação de objetos, ainda mais quando pensamos na midiatização. Assim, para analisar um objeto sob o prisma da comunicação é necessário fazer a

ressalva de que comunicação não é só o resultado do que sai na mídia, e que ela não acontece somente porque existem tecnologias. Isso seria tratá-la como epifenômeno das mídias. Contudo, com a mídia (tecnologia), a comunicação se transforma e altera também a forma como as pessoas interagem. Do mesmo modo, a mídia também modifica a forma de comuni-

car. Quando olhamos para objetos midiáticos, estamos observando aspectos da mídia sob a perspectiva da comunicação, pois ela viabiliza o desentranhamento de todos os processos sociais (Braga, 2018a). Significa que a palavra mídia não é aquela à tecnologia por si, nem ao arcação do campo dos meios, mas aquilo que permite que pensamentos sejam exteriorizados em comunicação.

Destacando a importância dos processos comunicacionais, o nosso objeto de pesquisa é investigado em um contexto que vai além centralidade dos meios de comunicação na sociedade. Ao trazermos o líder do Catolicismo para as discussões do campo da Comunicação, estamos nos remetendo a uma sociedade em transformação constante, chamada sociedade em midiatização. Nessa fase uma das características é a urgência dos processos comunicacionais, e sobretudo inquietações com as lógicas e particularidades destes.

Entre debates de todas as esferas sociais o Papa Francisco<sup>1</sup> tem se tornando uma figura cara à sociedade, de modo a ser questionado severamente em alguns casos, até ocasiões em que é comparado a uma figura divina. Para isso nos propusemos a uma pesquisa ampla sobre etapas e acontecimentos envolvendo os cinco anos do pontificado de Francisco, em que o aspecto comunicacional aparece em evidência. Fortalecendo o debate comunicacional, observamos uma acelerada produção de sentidos nas interações entre a Igreja, a mídia e a sociedade.

O objetivo maior enquanto pesquisadoras é trabalhar com a interface Comunicação e Religião de modo a observar como se dão os processos interacionais midiáticos, e como esse movimento em midiatização permite que aconteçam transformações internas tanto no campo da Religião como no da Comunicação. Na ambiência de uma sociedade em midiatização, o objeto de pesquisa adentra as processualidades da circulação midiática, que por sua vez trabalha com a noção de circuitos. Esse processo pode ser visto quando as práticas sociais de um determinado campo, o religioso no nosso caso, não é mais gerado por variáveis e lógicas do campo religioso somente. Há um atravessamento de lógicas de vários campos, o que inclui fortemente, o atravessamento do campo midiático. Pretensiosamente podemos dizer que, todo e qualquer campo social observado na ambiência da midiatização, não opera

mais de forma individual, hoje estão atravessados pelas lógicas midiáticas.

A indagação norteadora deste trabalho é: como o espaço em voo incide sobre operações de imagem do Papa Francisco? O objetivo geral deste artigo tem a finalidade de perceber as particularidades e lógicas em que ocorrem os embates interacionais, e como o Papa Francisco articula a disputa de sentidos do debate, tendo que responder a todos os públicos.

Para responder a esta pergunta trabalhamos com episódios que constituem circuitos, cada um em sua especificidade e lógicas internas, mas que têm o Papa Francisco como elemento comum. Para este artigo, empiricamente trabalhamos com um recorte de análise da dissertação. Partimos da coletiva de imprensa concedida por Francisco no retorno da viagem do Brasil em julho de 2013, e, a partir dessa coletiva, selecionamos um dos episódios que é acionado em circuitos diante da resposta do Papa Francisco para a questão da homossexualidade: *“Se uma pessoa é gay e busca o Senhor, e tem boa vontade, quem sou eu para julgar?”*. Em seguida olhamos para um segundo episódio que apresenta características circulatorias semelhantes, que é o casamento que o papa realiza no avião em viagem ao Chile. Tais episódios são escolhidos pelas articulações e tensionamentos no âmbito social, ou seja, são ocasiões em que há um intenso debate entre as doutrinas da Igreja Católica e questões político-sociais.

## O macrocontexto da religião num cenário de midiatização

Ao compreendermos a sociedade como em processo contínuo de midiatização, o fenômeno religioso passa a estar atravessado por esses processos, sendo necessário trazer um diálogo epistemológico em torno das características da midiatização da religião. O conceito se estabelece em um lugar em que sua principal característica é uma constante produção de sentidos, devido ao fato de que os meios de comunicação não são utilizados apenas como mediadores de informação, mas como dispositivos que moldam a forma de viver e se expressar dos indivíduos na sociedade. Ou seja, na midiatização transita uma multiplicidade de sentidos, pois há uma necessidade de interação e de resposta.

<sup>1</sup> Jorge Mario Bergoglio foi eleito papa em 13 de março de 2013.

Ao falar em midiatização, o Papa Francisco enquanto líder da Igreja Católica, já considerado um ícone pelo lugar que ocupa, se destaca por apresentar uma postura mais aberta, e sobretudo, midiática, logo, tensionadora dos lugares de fala da Igreja. Nessa perspectiva, a conjuntura sócio-política-religiosa interpenetra-se com as lógicas de midiatização, e esse fenômeno suscita transformações em todo catolicismo.

Ao pensar a midiatização, Gomes (2010, p. 162) destaca que, “ela é a forma como o receptor se relaciona com a mídia e o modo como se justifica e tematiza essa mesma relação”. Dessa forma o autor caracteriza o conceito como um “processo social mais complexo”, que tem como cerne “mecanismos de produção de sentido social”. Já não é mais a mediação como categoria explicativa do processo comunicacional, mas a midiatização expandida que passa a explicar e descrever o nosso modo de ser no mundo, em contato com os outros. Quer dizer, não se trata de uma mera transformação de tecnologias em meios, mas se trata de um processo tal, que essa transformação de tecnologias em meios vai organizando a sociedade de uma outra forma.

Podemos considerar que, ao invés de um conceito fechado, a midiatização se caracteriza como um processo constituído por diversas características, que vão de aspectos mais técnicos dos meios de comunicação a processos sociais, que envolvem transformações em todos os âmbitos. Nas palavras de Faxina e Gomes (2016, p. 187), a midiatização “configura para as pessoas um novo modo de ser no mundo, onde os meios não são mais utilizados apenas como instrumentos possibilitadores das relações pessoas, mas fazem parte da autocompreensão social e individual”.

Na perspectiva de Braga (2006), temos a noção de midiatização como “processo interacional de referência”, pois de acordo com o autor o processo não está completado. “Processo de referência” significa dizer que “consideramos determinados processos como principais, dominantes, de tendência hegemônica”. O autor reitera que a midiatização não deve ser demarcada apenas como algo que organiza e transmite mensagens e que configura a produção de significados, mas, ressalta que pode ser vista como os modos pelos quais a sociedade se constrói.

Fausto Neto (2006) propõe que a relação entre produtor e receptor é marcada por desajustes, e não mais pela lógica da linearidade,

e, por isso, “às noções de comunicação, associadas a totalidades homogêneas, dão lugar às noções de fragmentos e às noções de heterogeneidades” (Fausto Neto, 2006, p. 3). Dessa forma não é mais possível medir ou quantificar como uma informação chega até o receptor, pois nessa esfera ele mesmo está produzindo outros sentidos e devolvendo a sociedade, que por sua vez dá continuidade ao processo.

Nesta perspectiva, acionamos o conceito de midiatização da religião de modo que possamos observar a complexidade do fenômeno, e não apenas com a centralidade voltada a dependência e/ou dependência da religião perante a mídia (Sbardelotto, 2017). Nesse sentido, os processos comunicacionais possibilitados pelas redes sociais digitais indicam novas possibilidades de interação, assim como a complexificação do fenômeno religioso.

É a partir das interações no ambiente digital que Sbardelotto (2012, p. 2-3) explica que “novas modalidades de experiência da fé, embebidas em lógicas midiáticas a partir do deslocamento das práticas religiosas para a ambiência comunicacional da internet”. Ou seja, o autor demonstra que são as interações que ocupam o papel central no processo, e não as técnicas e tecnologias comunicacionais, contudo, as apropriações ocorrem de modo complexo.

Sbardelotto (2012, p. 5) afirma que nessa lógica midiática, não significa que as práticas religiosas estão sendo substituídas pelas mídias, “nem que somente graças às mídias, a religião continua mantendo seu espaço na vida social”. O que o autor destaca é que os meios não aparecem apenas como instrumentos para potencializar as relações entre instituição religiosa e sociedade, mas atravessam o fazer da religião, alterando a experiência e as formas de contato.

Sendo assim, o nosso objeto enquanto uma processualidade sai do estrito relacionamento entre instituições (mídia e religião), e se abre para as processualidades interacionais. Isso, por sua vez, traz o comunicacional como central na perspectiva da religião e não o contrário.

Dado esse contexto, passamos a nos inquietar com algumas questões emblemáticas e de grande repercussão midiática do Papa Francisco, que passam a gerar produções outras. A ênfase da postura do papa chama a atenção para uma linguagem e comportamento próprio, que por vezes tensionam o seu próprio lugar de fala.

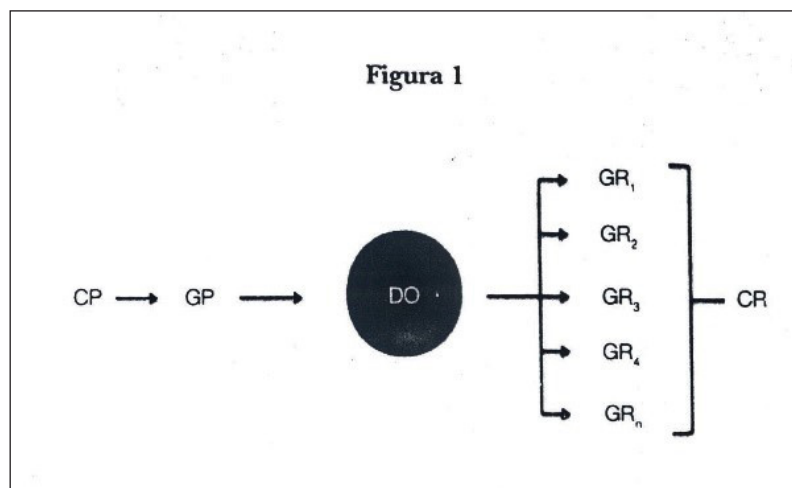
## Produção de sentido em circulação

A partir do eixo fundador, a circulação passa a ser compreendida como aquilo que gera “descontinuidades e contrastes nas relações entre produtor e receptor”, e o contexto interacional entre os polos acontece nesse intervalo. Tais diferenças enfraquecem “a concepção que lhe foi anteriormente designada de ‘zona de passagem’ na medida em que lhe é atribuída a causa da instabilidade nas relações entre eles; ou seja, ela é causa de descontinuidades” (Fausto Neto, 2013, p. 47). É nesse processo que desestabiliza e sai da unilateralidade que dá estrutura ao processo comunicacional. Assim, Fausto Neto (2013, p. 47) ratifica essa noção quando diz que “se um emissor não tem controle sobre o próprio discurso que elabora, ele não pode igualmente exercer sobre os seus efeitos junto a seu interlocutor. O que não significa que o discurso não produza efeitos”. Isto é, os efeitos existem para além do controle do produtor, como também podem não ser aqueles previstos.

A noção de circulação proposta por Verón (2013) leva em conta a produção de sentido, sendo a circulação sempre dinâmica. Ela dinamiza o objeto porque é um trabalho significativo, simbólico, não é algo estático. E hoje isso se complexifica com os discursos midiáticos. São

dois lugares (emissão e recepção), porém, possuem zonas de tensão. A circulação não é uma zona morta, porque os polos que produzem o processo comunicacional são acionados por uma dinâmica descontínua, que não se fecha, e por consequência, avança sempre na sua incompletude. No modo triádico (signo, objeto e interpretante) proposto por Verón (1980), a produção passa por operações, e da produção resulta um discurso, e esse mesmo discurso é reconhecido a partir de esquemas cognitivos e mentais do reconhecimento. Mais adiante, Verón (2013) propõe os elementos da instância da produção e da recepção que são responsáveis pela apropriação do discurso. (Figura 1)

Nesse esquema, o DO (Discurso/Objeto) situamos os dizeres do Papa Francisco, que por sua vez também se complexificam, pois se institucionalizam. Verón (2013, p. 292, trad. nossa<sup>2</sup>) entende que a “ruptura expressa na não linearidade da circulação do sentido, é que os fenômenos midiáticos não são sua causa primeira. Assim são um efeito”. Em nosso caso, o nosso DO já é um efeito do discurso primeiro, pois quando analisamos os discursos ou ações do Papa Francisco, só nos é possível ter acesso a eles porque já são um efeito do discurso da mídia tradicional. Para entendermos o esquema, Verón indica que o DO é uma configuração empírica, material, e em nosso caso, os nossos empíricos são essencialmente midiáticos.



**Figura 1.** Esquema da circulação discursiva de Eliseo Verón  
**Figure 1.** Scheme of the discursive circulation of Eliseo Verón

Fonte: Verón (2013, p. 293).

<sup>2</sup> Todas as citações utilizadas a partir de Verón (2013) são traduções nossas.



Nos dizeres do Papa Francisco, assim como no discurso da mídia tradicional, evidenciamos determinadas Gramáticas de Produção (GP). Assim, Verón (2013, p. 293) explica que “a gramáticas de produção formaliza as operações que dão conta das propriedades identificadas no DO, *porém não as explica*”. Por conta disso, Verón afirma que há Condições de Produção (CP), que podem ser econômicas, sociais, históricas, políticas, etc., que vão dar conta da semiose/processo a ser estudado, dessa gramática de produção em particular. “Do lado do reconhecimento, o gráfico esquematiza a não linearidade da circulação da semiosis, indicando a necessária pluralidade de gramáticas de reconhecimento do DO (GR<sup>1</sup>, GR<sup>2</sup>, GR<sup>3</sup>... GR<sub>n</sub>), que exigem, na sua vez, para sua explicação, um reenvio às condições de reconhecimento (CR)” (Verón, 2013, p. 293).

Em nossas materialidades, as condições de reconhecimento e as pluralidades deste são os comentários de atores sociais, os dizeres da própria mídia tradicional, assim como as opiniões de membros da Igreja. Nesse sentido, o próprio reconhecimento vai se manifestar em novas produções, quando, por exemplo, uma fala do Papa Francisco passa a ser debatida de tal forma pela sociedade, que há uma necessidade de uma resposta por parte do pontífice, que aí gera um novo discurso, e novas ressignificações e apropriações por parte do reconhecimento. É esse processo que vai atestar a produção de sentidos expressa pela circulação discursiva/midiática, assim como a dinamicidade da circulação.

Tal processualidade, inerente à circulação, se molda em circuitos, trazendo as lógicas dos campos sociais para a sua dinâmica, pois nesse sentido, os campos não delimitam por conta própria certas deliberações. É nessa dinâmica que se estabelece o conceito de circuitos, quando os campos estão relacionados em dinâmica formalizados pela circuitagem; por alguma coisa que leva adiante o processo interacional. Em síntese, enfatiza que os campos sociais estão em uma atividade complexa de circuitos.

Podemos ilustrar um circuito quando há um primeiro diálogo acerca do tema dos homossexuais, a partir da fala do Papa Francisco, e em seguida, esse mesmo tema aciona circuitos que passam de meios de comunicação tradicional, a atores sociais. Esse movimento constitui um fluxo adiante (Braga, 2012a). Ele acontece de várias formas “desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentá-

rios”, que por sua vez também são replicados de diferentes formas em processo de debates, polêmicas, e “em processo agonístico” (Braga, 2012a, p. 39).

Braga (2012a, 39-40) afirma que a circulação não é apenas a presença de novos meios, mas que os produtos que circulam na mídia de massa são “retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção (o espectador diante da tela). Segundo o autor, “já não é tão simples distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, produção e recepção como instâncias separadas” (idem, ibidem).

Referindo-se a artigo anterior, Braga (2012a) sublinha que nos circuitos, não é o produto que circula, mas encontra na circulação um sistema que vai viabilizar e alimentar esse circuito. “O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente porque, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em midiatização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços” (Braga, 2012a, p. 41). Assim, ao mesmo tempo em que o produto se mantém na circulação, ele passa a moldar o próprio ambiente que o põe a circular. O autor marca esse processo como uma forma especial de observação do objeto, que vai produzir “inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve”.

Aqui a ideia do fluxo contínuo se dá quando percebemos que algum assunto envolvendo o Papa Francisco, por exemplo a frase sobre os homossexuais, não fica apenas no que o papa disse, ou no que a mídia tradicional publicou. Ela passa a ser ressignificada, tensionada nos sites de redes sociais, gerando novos circuitos. E mesmo após ter passado anos do estopim do assunto, ele continua a circular e produzir sentidos. Percebemos que o tema passa a ser acionado em outras ocasiões. Todo esse processo se dá em idas e vindas, mas não é possível determinar o fim do circuito, nem mesmo a totalidade de sentidos e significados gerados nesse fluxo adiante. A partir dessa perspectiva, entendemos que os meios não aparecem apenas como instrumentos para potencializar as relações entre instituição religiosa e sociedade, mas atravessam o fazer da religião, alterando a experiência e as formas de contato.

### **Papa Francisco como núcleo central do dispositivo interacional**

A partir do exposto, iniciamos identificando características específicas no modo de agir

**Padre Lombardi:**

Agora vamos chamar novamente um brasileiro: é Márcio Campos. E peço também Guénois que se aproxime pois a vez próxima será para os franceses.

**Papa Francisco:**

Eu me interrogava a propósito do tempo... é que eles devem servir. Vocês estão com fome?

**Vozes:**

Não, não...

**Figura 2.** Trechos da fala do Papa Francisco com os jornalistas

**Figure 2.** Excerpts from the speech of Pope Francisco with the journalists

Fonte: Site Santa Sé (Vaticano).

e se comunicar do pontífice. Nesse sentido, observamos que os processos interacionais em torno do Papa Francisco em voos de retorno de Viagens Apostólicas passam a se configurar de modo mais complexo.

Partimos da primeira coletiva concedida por Francisco aos jornalistas na viagem de retorno do Brasil em 2013.<sup>3</sup> Nessa entrevista, o pontífice é questionado sobre temas polemizados, tanto socialmente quanto pela própria Igreja, voltados a assuntos como: homossexualidade, ordenação de mulheres, casamento de segunda união, aborto. Ou seja, os assuntos que surgem na viagem de regresso não são baseados somente na visita feita a determinado país. A entrevista em voo é uma prática inaugurada por esse papa, e que acontece em todas as viagens fora da Itália.

Identificamos que nessas “falas em avião” há um modo de se expressar menos institucionalizado do que em uma coletiva tradicional. Podemos perceber que há uma abertura em responder temas pouco debatidos pela Igreja Católica. Contudo, cabe ressaltar que esse indício está relacionado a outro, que é o caso de Francisco ter sido eleito papa havia pouco tempo, e que a viagem ao Brasil por conta da Jornada Mundial da Juventude foi sua primeira viagem fora da Itália. Entende-se que quando se tem um novo papa parece clichê fazer perguntas sobre o seu ponto de vista em relação aos assuntos considerados polêmicos.

Ao observar outros traços do objeto, como as características e o conteúdo de outras coletivas em voos com o Papa Francisco, é que percebemos uma similaridade e uma forma própria de responder aos jornalistas. Ao abrir para a interação durante o voo, abre-se um es-

paço de comunicação efetivo que permite não só trocas, agenciamento de circuitos que extrapolam as bordas da coletiva, mas também um trabalho de coprodução de sua imagem. Não significa ver se a Igreja, enquanto instituição, mudou com isso, mas mudou a forma de falar, e como isso constitui a imagem do papa. (Figura 2)

Diante dessas observações, percebemos que o espaço em “voo” se torna característico do Papa Francisco, até então para coletivas com a imprensa. Essas por sua vez podem ser caracterizadas como uma forma de revisão da própria viagem, de modo a responder sobre posturas, discursos, etc. Isto posto, em janeiro de 2018, o Papa Francisco realiza o casamento de dois tripulantes na viagem de retorno do Chile. Ou seja, além da coletiva há um novo acontecimento, que não tem mais como característica uma revisão, e que sinaliza como um novo elemento em um voo papal, complexificando esse espaço.

Tais indícios nos levam a questionar em que as conversas do avião, ambiente característico do Papa Francisco, é representativo de suas lógicas? Ou seja, não seria o lugar em si como gerador de tensionamentos e imagens, mas surgem essas demandas interacionais por conta do que aconteceu no avião.

De acordo com as materialidades observadas e que serão analisadas no próximo item, incorporamos à perspectiva de dispositivo interacional trabalhada por Braga (2011b; 2012b; 2018b), em que o comunicacional se dá em ocorrências concretas de interação. Quando falamos em “dispositivo” temos em mente a abrangência e a diversidade de usos para o conceito. Por isso trazemos um breve contex-

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2LdTX6Q>>.

to do conceito trabalhado por Foucault (1977), a fim de dialogar com os estudos de Braga. Foucault (1977)<sup>4</sup> em entrevista à revista *Ornicar*<sup>5</sup>, explica o que considera como dispositivo, quando é questionado sobre o uso metodológico do termo “dispositivo de sexualidade”.

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. (Foucault, 2017, p. 364).

Embora a questão de dispositivo de Foucault não esteja diretamente relacionada a uma problemática da Comunicação, trazemos a sua percepção por conta desse conjunto que o autor diz pertencer à definição de dispositivo. Os dispositivos estudados por Foucault são dispositivos regulatórios, de controle (Braga, 2018b) sob o prisma de que a sociedade diz o que fazer, sobretudo o que não fazer, como é no caso da sexualidade. Contudo, nos interessa pensá-lo sob essa natureza da relação entre os elementos, que o autor elenca como heterogêneos e que constituem um dispositivo. A base para a construção desse conceito está em três eixos: o conjunto heterogêneo, a natureza da relação (que são os elementos), e a função estratégica que responde a uma urgência (problema) (Foucault, 2017).

Braga (2018b, p. 3) adentra no contexto ao qual Foucault se detém e explica que o autor “apresenta os *componentes possíveis* de um dispositivo”, ou seja, “‘tudo’ pode fazer parte de um dispositivo”. Adiante, Braga reitera a resposta de Foucault, chamando a atenção para o que ele denomina de *substância* do dispositivo: “O dispositivo mesmo é o sistema de relações que se pode estabelecer entre esses elementos”. Uma rede de conexões não pré-estabelecidas, que pode se formar entre os elementos, é a caracterização básica do dispositivo”. (Braga, 2018b, p. 3). Seguindo o raciocínio, a natureza do dispositivo não é um conjunto de regras es-

tabelecidas, são elementos discursivos ou não e que são mutáveis, isto é, são arranjos tentativos.

Nesse artigo, Braga tem como problema central fazer “ajustes e derivações” sobre a ideia de “filosofia do dispositivo” de Foucault, para que o conceito de dispositivo foucaultiano possa ser transferido para a Comunicação. Para isso, Braga (2018b) vai trabalhar detalhadamente com as noções que compõem o conceito de “dispositivo” de Foucault, e vai fazer proposições de descoberta para o que vai chamar de dispositivo interacional, a ser usado na área da Comunicação.

Sendo assim, o dispositivo interacional aqui explorado está de acordo com as perspectivas de Braga (2011b; 2012b; 2017; 2018b), que tem o dispositivo não como algo técnico ou algo estabelecido, mas sim processos comunicacionais, que levam em conta lógicas e arranjos internos, e as especificidades do objeto empírico. Quer dizer, “a comunicação só é possível na ocorrência concreta de interações – trata-se então de perceber ocorrências e ‘lógicas’ das interações, na prática social, como o lugar de realização do comunicacional”. (Braga, 2012b, p. 4).

Nesse texto, Braga tem como eixo fazer proposições teóricas para a comunicação, a partir de uma hipótese heurística de que o conceito de dispositivos interacionais pode ser considerado como aspecto empírico comum, para falar da diversidade de objetos da área da comunicação. Desse modo, para adentrar nas características daquilo que o autor nomeia como dispositivo interacional, ele vai se deter a enfatizar que o processo comunicacional ocorrente de qualquer ocasião está em observar as interações sociais.

Braga (2012b), ao citar trabalho anterior focado em dispositivos interacionais, indica que essa elaboração tem como ponto de partida as “interações entre as pessoas e na sociedade em geral”. Dessa forma, não postula um valor positivo ao que é comunicação, mas afirma que ela “só é possível na ocorrência concreta de interações”. Porém, o problema que esse trecho em específico apresenta é: como podemos, em nossos trabalhos, olhar para essas interações; como olhar para as ocorrências e lógicas desses processos?

Além de propor um problema a ser resol-

<sup>4</sup> A entrevista concedida à Revista *Ornicar* (Paris) é o texto original, contudo fazemos uso de uma versão traduzida disponível na 5ª ed. do livro *A Microfísica do poder* (2017) da editora Paz e Terra.

<sup>5</sup> Contexto extraído do texto de José Luiz Braga *Interagindo com Foucault: Os arranjos disposicionais e a Comunicação* (2018), e também sob o debate em sala de aula sobre a entrevista.

vido, a citação selecionada faz a proposição enfática de que é somente nesse processo interacional que a comunicação se realiza. O autor não constrói categorizações para mostrar o que é válido como interação ou não, mas fala da diversidade de interações. Ou seja, não é comunicação apenas quando o aspecto positivo está em jogo (quando uma pessoa atinge seu objetivo comunicativo com outra), mas a comunicação acontece, especialmente, na interação conflituosa, “na opressão ou na manipulação”.

Nesse sentido, essa percepção é relevante em nossa pesquisa não apenas para explicar o que é comunicação, mas para ajudar a pensar nas relações interacionais construídas pelo objeto empírico. Podemos dizer, sobretudo, que o que o caracteriza é justamente a peculiaridade das interações entre os participantes nos episódios determinados. Essa proposta de dispositivo interacional é tomada aqui como uma questão de horizonte, e especialmente como “estimulação heurística”. (Braga, 2018b). Quer dizer, essa proposta nos faz refletir uma ação comunicativa do Papa Francisco, que está na substância dos episódios selecionados. Essa ação comunicativa é concreta, mas não está explícita nas interações. Ela começa a ser percebida quando começamos a entender as lógicas e estratégias presente nas decisões do Papa Francisco, ao falar determinada coisa em ocasiões específicas.

A construção da ideia de Braga (2018b) está fundamentada na percepção de que o que consiste o dispositivo interacional, é aquilo que anteriormente citou como aspecto comum para observar a diversidade empírica nos objetos comunicacionais. Dessa forma, trabalha com a ideia de que a expressão serve para descrever os processos de comunicação em curso. Estes processos devem ser olhados pelo olhar **ênico**, percebendo e analisando as especificidades interacionais entre as pessoas. Para via de exemplo, em nosso caso seria o próprio papa, a opinião representada pela mídia profissional, e os atores sociais, que representam a diversidade de opinião da sociedade em geral. Em suma, pensar no dispositivo interacional é pensar em um feixe de relações presentes no objeto empírico, contendo diversificadas lógicas e estratégias comunicacionais, constituindo assim arranjos.

Se antes pensávamos no que efetivamente é comunicação, agora passamos a olhar a diversidade das interações. Em nosso caso, o eixo central está em observar como a diversidade está em uma interação, que é essencialmente

agonística, ou seja, ela se constitui no debate e no tensionamento sobre a ação comunicacional do Papa Francisco. A diferença não está em olhar os episódios, diferentes entre si. Ao contrário, perceber o que há de comum neles; que estratégias discursivas o papa utiliza para organizar o debate que tensiona o próprio lugar de fala. A tentativa em si, de o papa tentar pautar o debate, e jogar discursivamente com os dois lados, é que é o processo comunicacional em evidência, e não a figura papal.

Na medida em que a sociedade avança em ritmos, processos, objetivos, práticas e invenções sociais, a instituição Igreja não acompanha, justamente porque é fortemente instituída. Então a figura do papa tenta superar essa dualidade, que ao mesmo tempo tem o aspecto individual e institucional, e esse processo só pode ser observado de forma **ênica**. Quer dizer, observando as lógicas que comportam essa comunicação em processo.

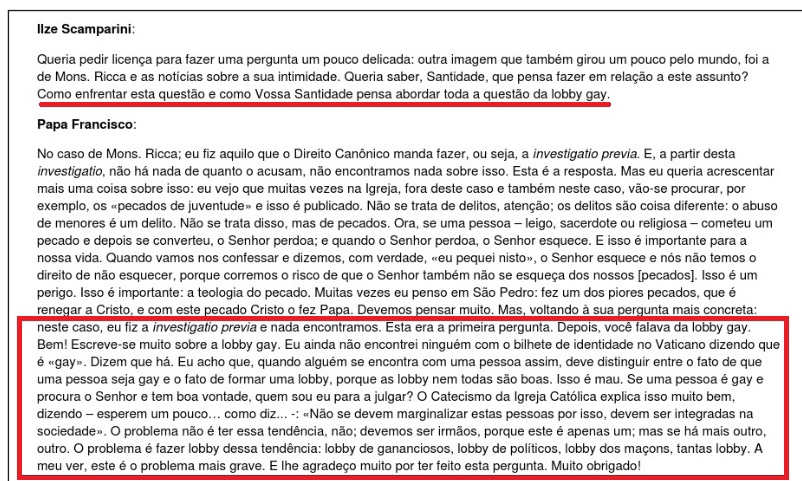
### **“Avião papal”: um lócus que extrapola suas bordas**

A partir da estrutura conceitual de mediação, circulação, imagem e dispositivo interacional podemos perceber nos materiais empíricos como se constituem as interações no “avião papal”, e se esse espaço pode ser considerado como um dispositivo interacional, levando em conta fatores que se repetem em um mesmo espaço, prolongando-o para além dele. Também será feita uma tentativa de identificar elementos que possam fazer parte da construção de uma imagem do Papa Francisco. Os elementos observados serão a primeira coletiva realizada julho de 2013, que aconteceu no voo de retorno do Brasil, e o casamento no voo, realizado no voo de retorno do Chile em janeiro de 2018. Tais episódios foram observados separadamente, e em seguida articulados no conjunto das materialidades.

A articulação entre os arranjos que compõem o dispositivo, de acordo com Braga (2017), possibilita a entrada de um segundo conceito que complementa o primeiro, que é o de circuitos. E, os temas abordados lá na primeira coletiva, geraram circuitos, nos quais se percebe uma crescente produção de sentido, sobretudo tensionadora, que fornece pistas para a construção de uma imagem do Papa Francisco.

Os temas abordados na primeira coletiva (2013) geraram circuitos, neles passo a observar como arranjos e lógicas internas vão





**Figura 3.** Fala sobre gays na coletiva em 2013  
**Figure 3.** Talk about gays in the collective in 2013

Fonte: Site Santa Sé (Vaticano).<sup>6</sup>

começar a constituir, e sobretudo tensionar a imagem do Papa Francisco em circulação. Neste trabalho o destaque está na produção de sentidos observada no circuito envolvendo a resposta do Papa Francisco a seguinte frase: “Se uma pessoa é gay e busca o Senhor, e tem boa vontade, quem sou eu para julgar?”. O posicionamento do pontífice gerou desdobramentos divergentes e convergentes, em variados circuitos de atores sociais e meios múltiplos. A Figura 3 mostra a repercussão dessa resposta do Papa Francisco após a coletiva.

Ou seja, temos o primeiro diálogo acerca do tema dos homossexuais, e em seguida, esse mesmo tema aciona circuitos que passam de meios de comunicação tradicional, a atores sociais. Esse movimento constitui um fluxo adiante (Braga, 2012a), ou seja, ele acontece de várias formas “desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários”, que por sua vez também são replicados de diferentes formas em processo de debates, polêmicas, e “em processo agonístico” (Braga, 2012a, p. 39). Na temos comentários no site do *Folha de S. Paulo* em que é possível perceber um tom de admiração pelas palavras do papa. (Figura 4)

É nesse contexto de midiatisação que esse fluxo contínuo se expressa, em que já não se distingue onde são os “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, ou seja, não se percebe pro-

dução e recepção de forma separadas (Braga 2012a). E é nesse espaço de suspeita, de dúvida que se observam as marcas e operações discursivas, que podem trazer novos dados, e outras inferências, como nos mostra os comentários das Figuras 5.

Ao observarmos esse material identificamos que há uma tentativa por parte da Igreja de fixar uma imagem positiva a seu respeito. Essa imagem reverbera uma vasta produção de sentidos, que liderada por Francisco traz muitos questionamentos à instituição. Há um embate discursivo, em que prevalece o tensionamento entre o posicionamento institucional a respeito do tema da homossexualidade, e o posicionamento externo envolvendo os meios de comunicação e os atores sociais midiatisados.

Verón (2004) esclarece que um mesmo texto é comparado a outro texto se for analisado em produção e também em reconhecimento. Em nosso caso, o discurso do Papa Francisco está sendo observado em produção, sua fala, e no reconhecimento, a partir dos textos que sua fala suscita. Ou seja, os circuitos que emergem a partir dos discursos do papa fazem surgir novos discursos, que por sua vez, podem ou não estar de acordo com o primeiro. É nesses intervalos que a suspeita se estabelece como uma hipótese. É preciso pensar nos conjuntos textuais como “economias discursivas”, em

<sup>6</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2LdTX6Q>. Acesso em: 20 jan. 2019.

que cada indício a ser observado tem lógicas e funcionamentos diferentes de indícios semelhantes. Os sentidos vão sendo acrescidos de novos e mais sentidos, e vão sendo valorados e/ou transformados.

Partindo do circuito da coletiva em voo de 2013, observamos um novo episódio em voo, que é o casamento de dois tripulantes realizado pelo Papa Francisco no retorno do Chile em janeiro de 2018. (Figura 6)

O texto acima publicado na página oficial do Vaticano no Facebook teve diversos comentários, em que se percebe que a maioria deles se constitui em opiniões positivas em relação ao fato. Já na segunda imagem, surge o comentário: *"Tenho até pena dos padres. Vão surgir cada lugar para se casar. Quero nem imaginar kkkkk"*, que já indicializa uma possível tensão que virá em relação à atitude do papa de utilizar o avião para realizar um casamento. (Figura 7)

Dentro do circuito acionado do casamento no avião, observamos o termo "avião papal" que alguns meios tradicionais utilizam para dar a notícia, como exemplo do site do jornal *Folha de S. Paulo* na Figura 8.

Essa nomenclatura foi percebida também em outros meios de comunicação que não fazem parte do recorte, como por exemplo *Correio Brasiliense* e *IstoÉ*. Podemos perceber que o termo "avião papal" passa ser uma marca da realização do casamento. E a partir disso podemos inferir que seja um código representante do espaço em que o pontífice utiliza para determinadas ações atípicas. Ou seja, é



**Figura 4.** Comentários sobre a coletiva em matéria no site Folha de S. Paulo

**Figure 4.** Comments on the collective in matter in the Folha de S. Paulo website

Fonte: Site Folha de São Paulo.

um lugar que se institucionaliza e se legitima como passível, inclusive de uma celebração de casamento.

Esses "espaços não codificados" que convocam uma inferência podem ser demarcados também pelos atores sociais ao se manifestarem em sites de redes sociais. Como é esse caso dos comentários da postagem da *Veja* no Facebook. (Figura 9)

Nos comentários percebemos a incidência de opiniões a respeito de questões sociais da Bolívia e Venezuela. Estes sugerem que, por conta de o papa estar dando atenção a um casamento fora dos padrões, o chamam de



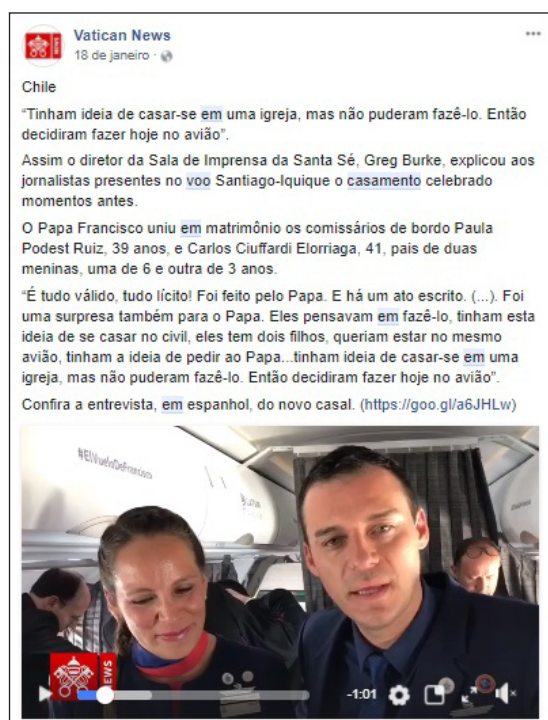
**Figura 5.** Publicação e comentários da página Diversidade Católica

**Figure 5.** Publication and comments on the Catholic Diversity page

Fonte: Facebook Diversidade Católica.

“papa comunista” por não olhar os problemas nos países vizinhos aos que o pontífice visitou. Então, aqui se retoma a ideia de Verón (2004) ao dizer que um discurso pode dar origem a outros vários, sem que tenha alguma relação com o primeiro, e pode suscitar indefinidos sentidos.

O circuito retoma às fontes institucionais, com a resposta do Papa Francisco na coletiva desse mesmo voo, que aconteceu posterior a cerimônia do casamento. Na coletiva a jornalista Aura Miguel, da Rádio Renascença de Portugal, questiona o pontífice sobre o que ele diria aos párocos e bispos quando noivos os procurarem com pedidos de lugares inesperados para casar, como praias, parques, navios e aviões. Francisco responde que foi questionado de estar “tonto” para fazer essas coisas, mas que via o caso de modo simples, pois “o homem estava no vô anterior, ela não. E falei com ele... Depois dei-me conta de que me «sondara»: falou da vida, perguntou-me que pensava da vida, da vida de família, falava...

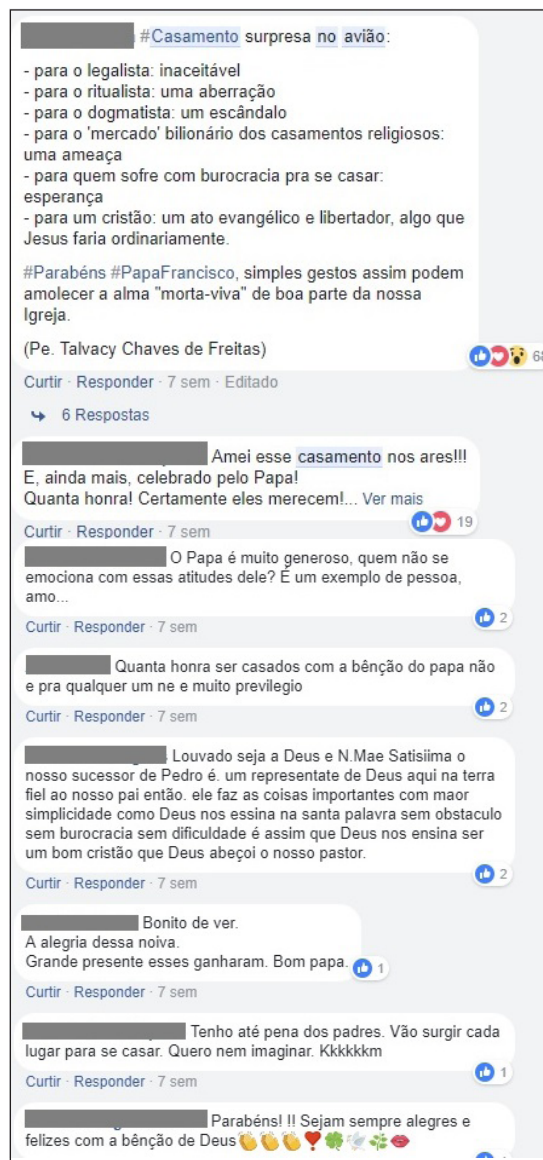


**Figura 6.** Postagem da página do Vatican News no Facebook

**Figure 6.** Vatican News Facebook page posting

Fonte: Facebook Vatican News.

fizemos uma conversa interessante. Depois, no dia seguinte, estavam os dois”. Francisco então explica a situação do casal à jornalista, e considera que estavam preparados para se casar. E finaliza: “Mas pode-se dizer aos párocos que o Papa fez bem o interrogatório; e quando me disseram que tinham feito o curso... Mas estavam conscientes, estavam cientes de que se encontravam em situação irregular. Obrigdo” (Conferência de imprensa, 21/01/18).<sup>7</sup>



**Figura 7.** Comentários na publicação do Facebook do Vatican News

**Figure 7.** Comments in the Vatican News Facebook publication

Fonte: Facebook Vatican News.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2BGYhch>. Acesso em: 20 jan. 2019.



Nessa resposta, o Papa Francisco dá indícios de que o lugar não seria o problema para a realização da cerimônia. Também podemos inferir que o casamento já era premeditado por essa conversa anterior do tripulante com o papa. E isso reforça o uso do avião como uma característica de seu pontificado para atividades que até então a própria Igreja não estava acostumada. Percebe-se ainda, que por expressar total aprovação de seu ato, o avião pode se configurar como um espaço que aciona interações por parte do pontífice, e que outras ações comunicacionais “inesperadas” podem vir a acontecer.

Com base nessas observações, voltamos à noção de Braga (2011b, p. 5), ao considerar que cada episódio comunicacional possui “determinas matrizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação”, e são essas matrizes que o autor chama de dispositivo interacional. Dessa maneira é que percebemos os modos que fazem avançar as interações em vôos com o Papa Francisco. E é onde o lugar de suspeita de uma hipótese surge, pois, os conjuntos se assemelham.

E pensar o “avião papal” como dispositivo interacional permite perceber as variações

dos elementos nos dois episódios. Ou seja, são atividades comunicacionais diferentes, com circuitos diferentes, mas que mantêm certa similaridade em suas lógicas. O avião significa nesses casos, que tanto os participantes diretos como a sociedade acionada na circulação, desenvolvem um sistema de interação a fim de atingir seus objetos. E é nessa “prática tentativa” que se percebem os processos (Braga, 2012b, p. 6).

## Considerações finais

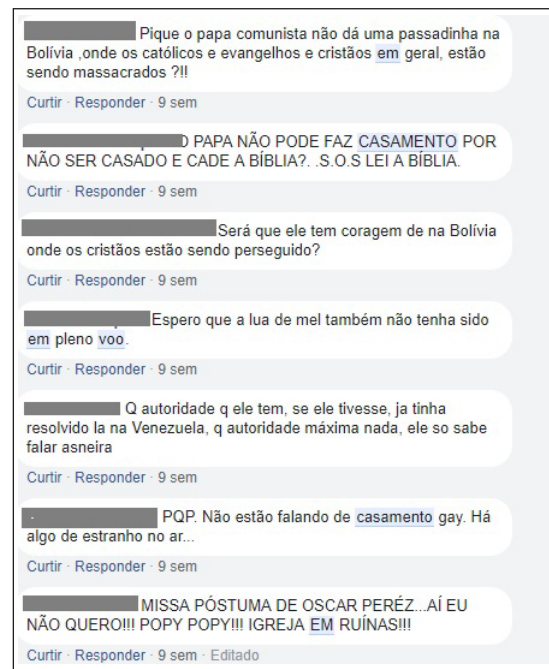
Na observação das especificidades dos arranjos e processos tentativos de comunicação nos circuitos descritos, podemos perceber que o avião passa a se constituir como um lugar de produção e interação para o Papa Francisco. Quanto aos modos de dizer, tanto nas coletivas quanto nesse episódio do casamento há a peculiaridade de se transformar em um ambiente menos institucionalizado, e que passa a ser próprio do pontífice. Portanto, inferimos que neste tempo-espaço, o ambiente torna-se menos regularizado, potencializando questões da vida contemporânea, sem espaço em ambientes formais e normatizados.



**Figura 8.** Manchete no site do jornal Folha de São Paulo

**Figure 8.** Manchete on the Folha de São Paulo newspaper website

Fonte: Site Folha de S. Paulo.



**Figura 9.** Comentários em postagem da Revista Veja na página do Facebook

**Figure 9.** Comments on Veja magazine's post on the Facebook page

Fonte: Facebook Revista Veja.



Não se trata apenas do comportamento do papa ou de sua centralidade, mas como esse comportamento nos indica mudanças que incidem sobre o fazer social. Por isso escolhemos a expressão articulador de sentidos para compor o título. A expressão está na ideia da performance discursiva do papa, pois é a partir de seus dizeres que os sentidos passam a ser articulados. A pertinência dessa questão está justamente no modo de olhar para os processos de produção de sentidos, pois acontecem na circulação indicando novos modos de interação entre os participantes do debate. Dessa forma, o processo comunicacional ocorrente está expresso em dinâmicas, em fluxos cada vez mais complexos. É importante destacar as lógicas geridas pelo Papa Francisco em um ambiente inovar para a Igreja Católica. Além de ser o primeiro papa a fazer esse tipo de contato com o diverso, coloca o papel de um líder religioso no centro da agonística.

Dessa forma, o espaço em voo passa a incidir sobre as operações em circulação para a construção da imagem do Papa Francisco. No sentido que, ao fazer gestos “grandiosos”, como foi o caso de realizar um casamento, parte dos comentários dos atores sociais entendem isso como uma abertura para passos mais simples na realização desse tipo de cerimônia. Por conta disso, cria-se uma imagem que agrada, mas que está sempre em elaboração e em tensão. Em alguns momentos o papa diz e faz coisas, orquestra os debates; em outros o seu fazer repercute e incide em outros discursos, porque as imagens e os discursos são imbrincados e sempre acionam o fazer anterior. Isso é o que alimenta a semiose infinita, assim como as defasagens. Mesmo que a atitude de Francisco tenha sido de simplesmente oficializar um casamento, esta atitude será vista de múltiplas formas, inclusive considerada um ato político.

Ainda que o pontífice fuja à regra, ele ainda continua institucionalizado. O avião papal não contribui para a acolhida, ele recria modos de contato, desloca ambiências. Mas como já mencionamos, são protocolos de interação, assim como a entrevista. A questão é que o que ocorre no avião não fica nele, ganha o mundo não só pelas transmissões televisivas, ou em jornais, mas sobretudo porque os atores sociais passam a ser pautados por aquilo que o papa diz e faz. De forma inversa, o papa também é pautado pela sociedade, isto é, a ambiência da midiatização os liga.

## Referências bibliográficas

- BRAGA, J.L. Circuitos versus campos sociais. In: M.A. MATOS; J. JANOTTI JUNIOR; N. A. JACKS (Org.) 2012a. *Mediação e Midiatização: Livro Compós* 2012. Salvador/Brasília, UFBA/COMPÓS, p. 31-52.
- BRAGA, J. L. 2017. Dispositivos Interacionais. In: J.L. BRAGA (Org.). *Matrizes Interacionais - a comunicação como modo de produção do social*. Camina Grande, Eduepb, p. 8-25.
- BRAGA, J. L. 2011a. Constituição do campo da Comunicação. *Verso e Reverso*, 25(58):66-77.
- BRAGA, J. L. 2011b. Dispositivos Interacionais. In: Encontro Anual da Compós, XX, Porto Alegre, 2011b. 20., 2011, Porto Alegre. *Anais....* 1:1-15.
- BRAGA, J. L. 2015. O grau zero da comunicação. *E-Compós*, 18(2):1-17.
- BRAGA, J. L. *O horizonte da midiatização* (Inédito – acesso dado pelo a versão provisório, em 2018a).
- BRAGA, J.L. 2018b. Interagindo com Foucault: Os arranjos disposicionais e a Comunicação. In: Encontro Anual da Compós, XXVII, Belo horizonte, 2018b. *Anais...* 1:1-21.
- BRAGA, J.L. 2006. Sobre “Mediatização” como processo interacional de referência. In: *Encontro anual da Compós*, XV, Bauru, 2006. *Anais...* 1:1-16.
- BRAGA, J.L. 2012b. Uma teoria tentativa. *E-Compós*, 15(3):1-17.
- CHARAUDEAU, P. 2017. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. *Entrepalavras*, 7(1):571-591.
- FAUSTO NETO, A. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?. In: A. FAUSTO NETO; J. L. BRAGA; J. FERREIRA; P.G. GOMES. (Org.). 2013. *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo, Unisinos, p. 43-64.
- FAUSTO NETO, A. 2006. Midiatização, prática social – prática de sentido. In: *Encontro anual da Compós*, XV, Bauru, 2006. *Anais...* 1:1-15.
- FAXINA, E; GOMES, P. 2016. *Midiatização: um novo modo de ser e viver em sociedade*. São Paulo, Paulinas, 191 p.
- FOUCAULT, M. 2017. *A Microfísica do poder*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 432 p.
- FOUCAULT, M. 1994. Le jeu de Michel Foucault. Entrevista dada à revista Ornicar? In: M. Foucault. *Dits et Écrits*, Tome III [1977], 1994, p. 298-329.
- GOMES, Pedro Gilberto. 2010. *Da igreja eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo, Paulinas, 174 p.
- ROSA, A. P. 2015. Atentado em looping: quanto uma palavra aciona uma imagem. *Revista FAMECOS*, 22(4):01-20.
- ROSA, A. P. 2016. Imagens em proliferação: a circulação como espaço de valor. In: *Colóquio de Semiótica das Mídias*, V, Japaratina, 2016. *Anais...* Alagoas: 5:1-14.
- ROSA, A. Imagens-totens em permanência x tentativas midiáticas de rupturas. In: D. C. ARAUJO;

- M. S. CONTRERA. (Org.) 2014. *Teorias da imagem e do imaginário*. Brasília, COMPOS, p. 28-49.
- SBARDELOTTO, M. 2017. *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo, Paulinas, 397 p.
- SBARDELOTTO, M. 2012. Entre o social e a técnica: os processos midiáticos do fenômeno religioso contemporâneo. *Ação Midiática*, 2(1):1-16.
- VERON, E. 1980. A produção do sentido. São Paulo, Cultrix, 238 p.
- VERÓN, E. 2004. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 286 p.
- VERÓN, E. 2013. *La Semiosis Social 2: Ideas, momentos, interpretantes*. Argentina, Paidós, 447 p.